

TRADUÇÃO

Junto a uma Tumba¹

Ved em Grav

Søren Aabye Kierkegaard

Tradutor

Victor Portavales Silva² 134

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Tudo terminou! E agora, quando aquele que foi o primeiro a vir à tumba, porque era também o mais próximo, é o último que traz o breve instante do discurso ao lado da tumba, ai, porque é o mais próximo: tudo terminou. Àquele que desejasse permanecer ali não perceberia o que faz o morto, pois o morto é um homem silencioso; aquele que em sua inquietude quisera chamá-lo por seu nome, aquele que dolorosamente quisera permanecer escutando, não perceberia nada, pois na tumba só há silêncio, e o morto é um homem calado; e aquele que, pleno de recordações, venha a cada dia até a tumba, não será lembrado pelo morto.

Pois na tumba não há recordação alguma, nem mesmo a de Deus. Claro que isso era sabido pelo homem de quem se deve dizer que já não recorda nada, a quem agora não pode ouvir, pois é tarde demais. Mas assim como o sabia, assim também edificou em conformidade com ele, e por isso recordou a Deus quando ainda vivia. Sua vida passou, inadvertidamente, e não houveram muitos que soubessem de sua existência, apenas alguns entre os poucos o conheceram. Era cidadão dessa vila; trabalhador em seu modesto ofício, não ofendeu a ninguém faltando aos deveres da sociedade, não ofendeu a ninguém inquietando-se inoportunamente por alguma

¹ Nota do tradutor: A presente tradução foi realizada a partir dos *Escritos Soren Kierkegaard: Volumen 5*, da Editorial Trotta. Trata-se, portanto, de uma tradução indireta realizada a partir do espanhol. O texto em questão, intitulado originalmente *Ved en Grav* faz parte da publicação de 1845 chamada *Três Discursos em Ocasões Imaginadas (Tre Taler ved tænkte Leiligheder)*. A numeração de páginas foi mantida, com referência ao texto em espanhol.

² E-mail: victorportavales@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6747-0451>

coisa. Assim passaram-se os anos, com uniformidade, mas não sem profundidade; fez-se homem, envelheceu, seus dias chegaram a ser muitos: o ofício foi e seguiu sendo o mesmo, uma só e a mesma tarefa nas distintas idades. Deixa para trás uma esposa, outrora alegre de unir-se a ele, agora uma velha mulher que chora o ausente, uma viúva justa que, abandonada, tem sua esperança em Deus. Deixa para trás um filho que aprendeu a amá-lo e obter satisfação na condição e no ofício do pai; [443] contente quando criança na casa do pai, como jovem nunca lhe pareceu tão estreita esta casa, que é agora para ele uma casa de luto. - A morte de um homem desconhecido como este não costuma ser muito comentada, e quando alguém, pouco tempo depois, passa pela casa em que ele vivia com humildade e lê seu nome na porta, porque sua ocupação pública continua carregando seu nome, é como se não houvesse morrido. É como se ele continuasse a dormir suave e aprazivelmente, e assim sua morte é uma silenciosa ausência no mundo circundante. Bom cidadão, honesto em seus negócios, austero em seu lar, cuidadoso segundo sua capacidade, compassivo em sua decência, fiel à sua esposa, um pai para seu filho: é aqui que tudo isto, e toda a verdade com que se pode dizer isto, não cultivava a expectativa de um desenlace importante; esta é a empreitada de uma vida cujo belo desenlace foi uma morte tranquila - Sem embargo, teve também outro ofício que foi desempenhado com a mesma lealdade na simplicidade do coração: recordar a Deus. Foi um homem, um ancião, seus dias chegaram a ser muitos, e então morreu. Mas a recordação de Deus foi ela mesma um guia em todos os seus empreendimentos, um gozo tranquilo na piedosa meditação. E caso não houvesse ninguém em absoluto para sentir saudades em sua morte, se não estivesse agora junto a Deus, Deus sentiria falta dele em vida, saberia seu domicílio e o buscaria ali, pois o defunto andaria em sua presença e seria melhor conhecido por ele que por qualquer outro. Recordou a Deus e foi apto para seu trabalho; recordou a Deus e esteve contente de seu trabalho, contente com a vida; recordou a Deus e foi feliz em sua modesta morada junto aos seus; a ninguém perturbou com indiferença frente a um culto público, a ninguém perturbou com zelo intempestivo, mas tão somente a morada de Deus foi para ele um segundo lar - agora ele foi para sua morada.

Mas na tumba não há recordação - por isso é que este fica, permanece junto daqueles que lhe foram queridos em vida: eles o recordarão. E agora, quando aquele que foi o primeiro a vir à tumba, porque é o mais próximo, é apenas o último aquele que traz no breve instante do discurso a sua presença junto à tumba, porque é o mais próximo, quando se retira dali, pleno de recordações, se dirige à casa da penosa viúva: e o nome na porta é uma recordação. Assim, durante um tempo, virá de vez em quando um cliente que por casualidade ou simpatia perguntará pelo homem; e, ali ouvirá de sua morte, e o cliente dirá: Nossa, ele morreu! E quando todos os antigos clientes tiverem feito isso ao menos uma vez, a vida no entorno [444] não terá meio alguma para preservar sua recordação. Mas a velha viúva não necessitará de nenhum lembrete para recordar-se, e ao laborioso filho lhe parecerá que demorou

135

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n° 1 (2025) p. 134-156

para recordar-se. E, assim, quando ninguém mais perguntar por ele, então, o nome na porta, quando a casa não seja visivelmente uma casa em luto, quando também a casa em luto tenha se acostumado à cotidiana ausência, junto ao consolo se haverá instruído a recordação: então, o nome na porta lhes indicará aos dois que também eles têm um ofício mais: recordar ao defunto.

Agora o discurso acabou. Resta somente uma tarefa adiante: com as três pás de terra, consagrar ao defunto, como todo aquele que veio à terra, de volta à terra - então tudo haverá terminado.

O discurso carente de autoridade não se pode fazer efetivo desse modo, pois nenhum morto aguarda seu fim para que tudo possa terminar. Mas é por isso que você, ouvinte meu, pode prestar atenção ao discurso. Pois a morte mesma tem certamente sua seriedade; o sério não está no acontecimento, não está no exterior: que uma vez mais um homem tenha morrido; como tampouco a diferença da seriedade está em que tenha havido muitas carroças; como sequer é essa calma entonação que só quer falar bem dos mortos a própria seriedade, o que há de modo algum poderia satisfazer ao que medita sobre a morte em seriedade. A morte pode precisamente ensinar que a seriedade está no interior, no pensamento; ensinar que é tão somente uma ilusão que alguém diga de maneira frívola ou melancólica à vista exterior, ou que o observador, por aprofundar o pensamento sobre a morte, esqueça de pensar e meditar acerca de sua própria morte. Se alguém quiser apontar devidamente um objeto de seriedade, deverá apontar a morte, e o "sério pensamento da morte"; e, sem embargo, é como se o fundo da morte fosse uma piada, e essa piada, diversificada nas diferenças de entonação e expressão, fosse o essencial em toda a observação acerca da morte, mediante a qual o observador mesmo não se permite estar a sós com a morte e pensar acerca de si mesmo junto à morte. Um pagão disse uma vez que não há o que temer na morte, "pois quando ela se presentifica, já não estou aqui, e, quando não estou, ela não está". Essa é a piada que leva o astuto observador a perder a si-mesmo; mas ainda que a observação recorresse às imagens do horror para retratar a morte, ainda que isso causasse espanta a uma imaginação enferma, é apenas uma piada se pensarmos meramente a morte e não pensarmos em nós mesmos defronte à morte, se a pensarmos como a condição da espécie e não como nossa própria condição. [445] A piada é que esse inflexível poder não pode, por assim dizer, alcançar sua presa; que haja uma contradição na realização mesma da morte, por assim dizer, que ela tire sarro de si mesma. Pois bem, a dor, se quereis compará-la com a morte, e se quereis chamá-la de arqueira como a morte também o é: a dor não erra o seu alvo, porque atinge o vivo e, quando o alcança, somente então começa a dor: mas quando a flecha da morte atinge o branco, então tudo acabou. E a enfermidade, se quiser compará-la com a morte, é a armadilha em que a vida é capturada: a enfermidade captura realmente e, quando captura o sadio, então começa a enfermidade: mas quando a morte retira sua armadilha sem capturar nada então tudo acabou. Mas justamente nisso consiste a seriedade, e por isso é que justamente a seriedade da morte é diferente da seriedade da vida, que tão facilmente deixa que alguém engane a si mesmo. Pois quando alguém segue seu caminho obstruído pela adversidade, pelos sofrimentos, pela

enfermidade, pela incompreensão, por condições estreitas, por perspectivas miseráveis, sua inferência é errônea se disso se infere simplesmente que ele mesmo é sério; pois a seriedade não é a réplica direta, mas sim a enobrecida, ou seja, que também aqui são o interior, o pensamento, a apropriação e o enobrecimento que constituem a seriedade. Ou quando alguém está muito ocupado em complicados fazeres; pode ser que alguém esteja a mando de muitos soldados, pode ser que escreva muitos livros, pode ser que esteja em um posto elevado, pode ser que tenha muitos filhos, ou mesmo que arrisque a vida, ou que tenha o sério ofício de cuidar de cadáveres; sua inferência é errônea se disso se inferir que ele tem seriedade, pois a seriedade não está na aparência, já que a seriedade é o eu interior, não a ocupação ou ofício. A morte, em troca, não é algo real nesse sentido, e uma vez que se esteja morto, é tarde para se tornar sério. E quando alguém tem uma morte súbita, algo que uma época mais séria consideraria como o maior infortúnio, como mencionado na antiga pregação, e que em uma época mais recente se considera como a maior fortuna, então não há nada o que fazer. A seriedade da vida é séria, e não há seriedade alguma sem o enobrecimento do exterior pela consciência, e nisso reside a possibilidade da ilusão; na seriedade da morte não há engano, pois o que é sério não é a morte, mas sim o pensamento acerca da morte.

Por isso, ouvinte meu, se queres reter esse pensamento e se sua meditação só te inquieta ao pensar em si mesmo, então também no teu caso o discurso carente de autoridade há de ser um assunto sério. Pensar a si mesmo diante da morte é seriedade; ser testemunha da morte de outra pessoa é um estado de ânimo. [446] É um leve ar de tristeza, quando aquele que passa é um pai que pela última vez leva seu filho, pois o leva à tumba, ou quando a humilde carroça fúnebre passa e não se sabe nada acerca do morto, salvo que se trata de um ser humano; é triste, quando a juventude e a saúde chegam a ser presa da morte, quando muitos anos depois a imagem de alguém belo, na lápide abandonada sobre a tumba, restam apenas ervas daninhas. É a seriedade o clima predominante quando a morte intervém nos atos da vaidade e pega o tolo quando este se veste de seus mais vãos adornos, e pega o insensato em seu momento de maior vaidade. É um suspiro perante o escárnio da vida, quando o morto tinha feito uma promessa segura e, sem culpa alguma, resulta um impostor, pois havia tão somente esquecido que a morte é a única segurança. É saudade do eterno quando a morte levou, voltou a levar e leva agora o último dos excelentes homens que tu conhecestes; é um calor febril ou um frio ardoroso de enfermidade na alma quando alguém, por ter se tornado tão familiar à morte e à perda dos chegados, então a vida lhe resulta uma consumação do espírito. É pura dor quando o morto é um dos teus, é a dor do parto da imortal esperança quando a pessoa morta é amada. É a estremeecedora irrupção da seriedade quando quem morreu foi teu único conselheiro, e é, contudo, um estado de ânimo. E se quiseres morrer para ir de encontro a eles, esse também é um estado de ânimo, e por isso te pareceria mais fácil, pois aqui também se estabelece um estado de ânimo. A

137

seriedade reside em que é a morte aquela que pensa, e também a que pensa como assim assinalado, e que dessa maneira o faz aquele que da morte não é capaz, estar aí quando a morte também está aí. Pois a morte é professora da seriedade, mas seu sério ensinamento, por sua vez, é reconhecido justamente porque deixa que o indivíduo a solicite, para então lhe ensinar a seriedade, tal como esta só pode aprender o homem mesmo. A morte cuida de seu ofício na vida, não vai de um lugar a outro como na imaginação do temeroso, afiando sua guarda e amedrontando mulheres e crianças, como se isso fosse a seriedade. Não, pois ela diz: aqui estou, e se alguém quiser aprender de mim, que venha. Somente desse modo se ocupa alguém da morte em seriedade; não sendo assim, só está no estado de ânimo graças à engenhosidade e a profundidade do pensamento, ou no chiste de uma vívida ocorrência, ou curvado pela profunda dor em sua expressão mais sofrida, ou seja, não se trata então de seriedade, pois a seriedade ensina justamente a moderação frente a dor e a queixa.

Um poeta relatou a história de um jovem que sonhou, na véspera de ano novo, [447] que era um ancião, e como ancião, no sonho, olhava para trás, para uma vida desperdiçada, até que na manhã do ano novo despertou angustiado, não somente frente ao novo ano, mas também defronte uma nova vida: pensar de mesmo modo a morte estando desperto, pensar o que é mais decisivo na idade anciã e que tem também seu tempo; pensar que tudo está acabado, que tudo está perdido na vida, para então ganhar tudo em vida - isso é seriedade. Houve um imperador que se enterrou na observação de todos os costumes exteriores. Talvez seu ímpeto não tenha sido nada além de um estado de ânimo, mas testemunhar a morte, testemunhar o fechamento do caixão, testemunhar tudo aquilo que terrenamente e mundanamente chega aos sentidos cessa com a morte: isso é seriedade. Morrer é certamente o destino de todo ser humano e, portanto, uma arte muito modesta; mas morrer bem é a mais alta sabedoria da vida. Qual é então a diferença? Que, no primeiro caso, se trata da seriedade da morte; e, no segundo, da seriedade do mortal. E o discurso que diferencia não pode seguramente se dirigir ao morto, mas apenas ao vivente.

Assim, o discurso tratará sobre:

A decisão da morte

E nisto estamos de acordo, ouvinte meu, que um discurso piedoso não deveria jamais buscar a discordância ou estar em desacordo, salvo com o ímpio. Assim quando o pobre, o servente que deve utilizar com austeridade as poucas horas do infrequente dia de descanso, dirige-se a uma tumba para recordar um defunto e para pensar também na sua própria morte; quando, devendo conformar-se com essa modesta oportunidade, dela resulta ademais algo prazeroso ir até ali, e permanecer ali gera uma gostosa e benéfica distração a respeito dos muitos dias de trabalho, e ali passa seu tempo evocando as vezes o defunto, pensando outras vezes em si mesmo com seriedade, regozijando-se outras vezes na liberdade e no entorno, como se alguém pudesse reconfortar-se em uma bela parada, como se fora somente um passeio de prazer e ele tivera levado consigo uma merenda para que a alegria fosse

completa: então seguramente estamos de acordo que alguém assim, em sua nobre simplicidade, reúne os contrários (algo que, segundo a palavra dos sábios, é o mais difícil), que sua lembrança é apreciada pelo defunto e acolhida com gozo no céu, e que sua seriedade é tão preciosa, tão agradável a Deus, tão proveitosa para ele como a daquele que com infrequente atitude passara dia e noite exercitando em sua vida o sério pensamento da morte, [448] detendo-se uma e outra vez para desistir do ato vão, instando-se uma ou outra vez a tomar o apressado caminho do bem, renunciando ao hábito do falatório e do trabalho duro da vida para aprender a sabedoria no silêncio, aprendendo assim mesmo a não se horrorizar ante os espectros e as invenções humanas, mas se ante a responsabilidade da morte, assim como a não temer aqueles que matam o corpo, mas sim temer por si mesmo e por viver de forma vã, no instante, na fantasia. Elogiaríamos ele por utilizar de maneira grandiosa a oportunidade que lhe é concedida; mas se, em troca, ele tomar um descanso no grandioso trabalho do dia para se entreter com o pensamento de ser melhor que o homem simples, o qual não teria nem esse tempo nem essa atitude; de ser mais agradável a Deus, como se Deus tivesse cometido a pura injustiça de negar a alguém o tempo e a atitude, e, portanto, o dom da felicidade, e logo, atuando cruelmente como geralmente o fazem os homens desalmados, constituiria essa falta um crime: Ah! Sim, há diferença entre seu infrequente dia de descanso e do homem simples, quando aquele o desperdiça todo e o simples o ganha por completo! Não, toda comparação é apenas uma piada, e uma comparação vaidosa é uma piada lamentável. Por mais que o mais bem-aventurado tivesse tempo o suficiente, a seriedade e a morte lhe ensinaram que não tem tempo a perder, e ainda menos tempo para ser desperdiçado. Se alguém, em troca, afasta também o pensamento da morte tão rapidamente como todos os outros pensamentos, e em sua altivez se preocupa talvez porque, nesta pobre e monótona vida, um pensador tão veloz não encontra suficientes coisas nas quais pensar, então estamos de acordo, ouvinte meu, que isto é próprio de tudo o que chega a ser objeto de uma meditação devocional: que o homem simples chega rapidamente a uma proveitosa compreensão, e que o mais dotado aplica com alegria uma vida inteira, se bem que admite não ter compreendido nem exercitado perfeitamente esse pensamento em vida. Pois aquele, no mundo, que está sem Deus se cansa em seguida de si mesmo, e isto o expressa de maneira distinta ao cansar-se da vida inteira; mas aquele que está na companhia de Deus vive junto a aquele cuja presença dá a alguém insignificante o infinito significado.

Bem, agora acerca da decisão da morte deve-se dizer primeiramente que ela é decisiva. A repetição da palavra é ilustrativa, e a repetição mesma vem a recordar quão curta em palavras é a morte. Há muitas outras decisões na vida, mas apenas uma é tão decisiva quanto a morte. Pois todas as potências da vida não logram resistir ao tempo que as arrasta consigo, inclusive [449] a recordação que está no presente. E o vivente não tem em seu poder controlar o tempo, encontrar a calma

139

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 134-156

fora do tempo na plena culminação; na culminação da alegria, como se não houvesse um amanhã; na dor, como se esta não pudesse resultar um pouco mais amarga; na meditação, como se o sentido tivesse sido plenamente exposto e a própria meditação não fosse, por sua vez, parte do sentido; na prestação de contas, como se o instante da prestação de contas não reclamasse também sua responsabilidade. A morte, em troca, tem esse poder; não mexe com ele como se faltasse algo, não vai em busca da decisão como o faz o vivente, mas ainda assim se faz efetiva. Quando chega, ela diz: até aqui, nenhum passo a mais; então acabou, não se agrega nem uma letra; então o sentido foi exposto, não há de se ouvir nem mais um ruído - e então tudo terminou. Se é impossível fazer coincidir todos os enunciados do incontáveis viventes acerca da vida em apenas um enunciado, todos os mortos concordam em um único enunciado. e um e tão somente um de todos os incontáveis viventes acerca dos ganhos de suas vidas, todos os mortos concordam e um, somente um enunciado: agora tudo está terminado.

Já se vê o que pode a morte. Não é tampouco um juvenzinho inexperiente que não aprendeu a utilizar a foice se alguém o toma desprevenido. Tenha a ideia que quiser, fictícia ou verdadeira, acerca da sua vida, acerca da sua importância para os demais, acerca da importância que tende para si: a morte não tem nenhuma ideia e não leva em conta suas ideias. Mas se há alguém que está cansado da repetição, este alguém deve ser seguramente a morte, que já viu de tudo, e uma ou outra vez ao mesmo. Até a morte que não é vista há séculos, ela já o viu muitas vezes; em contrapartida, nenhum moribundo viu a morte mudar de cor, nem a suspeita de alteração do olhar em seu rosto tranquilo. E a morte não chegou a ser tampouco um homem ancião que, debilitado pela idade, ande de maneira imprecisa, que não saiba com exatidão que horas são, ou que se tenha tornado compassivo pela debilidade. Mas se alguém pode se vangloriar de não ter mudado, esse alguém é seguramente a morte: ela não empalidece nem envelhece.

Claro que o discurso não irá elogiar a morte, nem dará asas à imaginação. Que a morte pode acabar com tudo, isso é seguro; mas a recomendação que a seriedade traz ao vivente é que este pense, que pense que tudo termina, que chega o tempo em que tudo termina. Já se vê que isso é difícil; pois, até o instante da morte, ao moribundo lhe parece que tem, todavia, algum tempo para viver, e ele teme inclusive dizer que tudo [450] há terminado. E o que há com o vivente, ainda que esteja vivo e saudável, na juventude, na limpidez, no poder - confiante, portanto, muito confiante, se não quer encarar o pensamento da morte que vem a explicá-lo que essa confiança é uma fraude? Há um conforto na vida, um falso bajulador; há um reassseguramento na vida, um hipócrita impostor, e ele se chama: adiamento. Mas raramente ele é mencionado por seu nome, pois até quando alguém quer mencioná-lo outra palavra é proferida e o nome resulta um pouco atenuado, e o nome atenuado, o eufemismo, é também um adiamento. Pelo contrário, não há ninguém que possa ensinar a detestar o bajulador e a pôr à luz o impostor como o sério pensamento da morte. Pois a morte e o adiamento não coincidem, são inimigos mortais, mas o homem sério sabe que a morte é mais forte.

Assim, pois, tudo terminou. Ainda que fora uma criança que aspira a uma vida inteira, ainda que tenha chorado pelo mesmo - agora tudo terminou, não se concede nem um instante. Ainda que fora um jovem pleno de lindas expectativas, ainda que tenha rogado tão somente por apenas uma delas - agora tudo terminou, não se paga nem um tostão pelo seu crédito em vida. Ainda que faltasse pouco na prestigiosa obra de um homem, e ainda que essa obra fosse uma das maravilhas do mundo, e ainda que a humanidade pudesse interpretá-la mal por restar inconclusa - agora tudo terminou, o trabalho não se completou. Ainda que apenas uma palavra tivesse para ele a importância de uma vida, ainda que tenha dado toda uma vida para poder pronunciá-la - agora tudo terminou, e a palavra não foi pronunciada.

Com a decisão da morte, portanto, tudo termina. Há repouso; nada, nada perturba o morto; ainda que essa pequena palavra, ainda que esse instante esquecido cause intranquilidade no combate da morte, agora o morto não se perturba; ainda que a omissão dessa pequena palavra perturbe a vida de muitos viventes, ainda que essa enigmática obra ocupe uma ou outra vez o estudioso: o morto não se perturba. Assim, a decisão da morte é como uma noite, é a noite que chega, e então já não se trabalha; e por isso já foi dito também que a morte é uma noite, e com isso se afastou a ideia de que seja um sonho. E há de ser tranquilizador para o vivente quando este, insone, busca em vão o repouso no leito noturno; quando, fugindo de si mesmo, busca em vão um esconderijo em que a consciência não o descubra; quando o atormentado, cansado em corpo e alma pelo árduo sofrimento, até que seja derrubado e, então, em um novo esforço, [451] busca em vão a posição de repouso, busca em vão o frescor em meio a essa febre: há de ser tranquilizador pensar que, contudo, há uma posição em que o açoitado encontra repouso, a da morte; um leito no qual repousa silencioso, o da morte; um adormecer que não falha, o da morte; um lugar fresco, a tumba; um esconderijo que a consciência não alcança, a tumba, na qual a recordação mesma permanece fora como uma brisa das árvores; uma manta que esse homem quieto não deixa cair e dentro da qual ele dorme placidamente: o manto da grama! Há de ser tranquilizador, quando na juventude chegou o cansaço e a tristeza quer recostar à criança, pensar que alguém se aquece e, comodamente, no colo da terra; há de ser tranquilizador meditar nesse consolo e pensá-lo de maneira tal que ela, a eterna, acaba sendo a miséria que, como uma enfermeira, não lhe permite dormir quando todos os demais estão dormindo!

Mas esse, ouvinte meu, é um estado de ânimo, e pensar a morte dessa maneira não é seriedade. Ansiar pela morte dessa maneira é uma melancólica evasão da vida, e é rebeldia não querer temê-la; é uma fraude da tristeza não querer compreender que há outra coisa a temer além da vida, e que por isso deve haver uma consoladora sabedoria, distinta do sonho da morte. Para dizer a verdade, é uma debilidade temer a morte: então és alguém fingindo coragem, aquele que imagina não temer a morte quando ele mesmo teme a vida; é a indolência de uma mulher que não quer deitar-

141

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 134-156

se, esse afeminado querer dormir no colo, esse afeminado querer dormir para evitar o sofrimento.

Está bem, a morte é um sonho, e assim, quando alguém repousa na morte, dizemos que dorme, dizemos que uma noite tranquila o brinda com sua sombra e que nada perturba sua paz. Mas não há nenhuma diferença entre a vida e a morte? E o vivente que medita sobre sua própria morte o considera de outro modo. Suponhamos que fosses tu, que tu fosses o vivente que o vê assim. Já se vê que aquele que dorme na morte não cora como a criança que dorme; não reúne novas forças, como aquele homem que cobra vigor; o sonho não o visita amigavelmente como visita ao ancião que dorme! Quando na vida se vê um caso que parece de morte, que fazer? Costuma-se gritar àquele que desvaneceu, porque essa situação é de assustar, ou seja, assusta que a situação da morte seja a de um vivente; é consolador, então, que por esse motivo não se grite ao morto, porque não serviria de nada? Mas tu não estás morto, e se a melancolia quer fortalecer-se na catalepsia, se a tristeza deixa que [452] você desvaneça em um cansaço mortal que parece seu único consolo no sonho da morte: então grita, chama-te a ti mesmo, faça por ti mesmo o que farias por qualquer outro, e não busque um enganoso consolo no desejo de que tudo se acabe! Qualquer que seja a ideia que tens, imaginária ou verdadeira, acerca da estranheza do teu sofrimento: se há alguém cansado da repetição do lamento, há de ser seguramente a morte; inclusive o esquecido cujo sofrimento não se ouve há séculos, a morte já ouviu muitas vezes até mesmo esse lamento; mas ninguém, ninguém sugere que isso faça a morte chegar mais rápido! E se teu grito pudesse comovê-la - pensas realmente que é assim, ou não é mais a contradição, o feito do que aquela que não chega porque a chamas, a que fortalece a autoestima do desafio, que é a contradição a que ajuda ao temeroso a jogar o jogo da coragem com aquela, a terrível? - se teu grito, então, e teu anseio a comoveram, acaso não estarias tu a enganar-se a si mesmo, por mais que esqueçamos por um instante a responsabilidade que segue presente? Que foi que te trouxe alívio? Foi acaso a obra que terminou de todo, e não a ideia a seu respeito, como o que segue sendo ao estar em poder da melancolia, da tristeza, e, portanto, do vivente? - uma distração, um joguete? Já se vê que aquele que dorme na morte não se move, e por mais que a mortalha não se ajuste a ele - ainda assim não se move; volta ao pó. E o pensamento que de todo há terminado, que, na imaginária antecipação da ideia, traria ao melancólico o conforto de uma impotência desafiadora e o alívio bajulador da tristeza, que não está junto a ele. Não encontra, portanto, nenhum gozo em que tudo esteja terminado: por que ansiava tanto por isso? Que contradição! Diga, pois, que é muito consolador apodrecer na terra. Mas se sabes outra coisa acerca da morte, então sabes também temer outra coisa além da vida.

A seriedade compreende o mesmo acerca da morte, mas o compreende de outro modo. Compreende que tudo termina. Compreende que tudo termina. Menos se ocupa em saber se isso, afinado pelo estado de ânimo, pode se expressar dizendo que a morte é uma noite, um sonho. A seriedade não perde muito tempo adivinhando enigmas, não permanece absorta na meditação, não parafraseia as expressões, não se preocupa com a ingenuidade da linguagem figurada, não discursiva, mas age. Se é

certo que a morte existe, como é o caso; se é certo que tudo termina com sua decisão; se é certo que a morte nunca consente em dar uma explicação: pois bem, então se trata de compreender a si mesmo, e a compreensão da seriedade é que, se a morte é a noite, então a vida é o dia, e se não se pode [453] trabalhar de noite, então se pode trabalhar de dia; e o breve porém impulsionador chamamento da seriedade, como o breve chamamento da morte, é: hoje mesmo. Pois, na seriedade, a morte dá uma força vital que nenhuma outra coisa dá, ela nos faz vigilantes com nenhuma outra coisa. Ao homem dos sentidos, a morte o induz a dizer: comamos e bebamos, que amanhã morreremos. Mas esse é o covarde apetite vital da sensibilidade, essa depreciável ordem das coisas em que se vive para comer e beber, e não se come ou bebe para viver. Ao homem profundo, a ideia da morte o induz talvez à impotência, de modo que sucumbe perigosamente ao estado de ânimo. Mas, ao homem sério, o pensamento da morte lhe dá o correto ímpeto na vida e a meta correta a que dirige sua marcha. E nenhum arco pode se tencionar de tal maneira e ser capaz de dar à flecha um ímpeto tal como esse que de que o pensamento da morte é capaz de proporcionar ao vivente quando a seriedade o tensiona. Então a seriedade não se apega ao presente, não deprecia nenhuma tarefa por ser demasiado humilde, não descarta nenhum tempo pois está disposta a rir de si mesma se esse esforço há de ser digno perante Deus, e disposta a compreender, na impotência, que um ser humano não é nada em absoluto, e que aquele que trabalha segundo o máximo de suas capacidades só obtém a devida oportunidade de assombrar-se perante Deus. O tempo, outrossim, é assim mesmo um bem. Se um homem consegue provocar a escassez no mundo externo, isso lhe custaria muito trabalho; pois é certo o que diz o comerciante, que a mercadoria tem seu preço, mas o preço depende igualmente dos tempos favoráveis - e quando há escassez o comerciante ganha. Pode ser que em alguns momentos um homem não seja capaz disso no mundo externo, mas, no mundo do espírito, qualquer um é capaz. Pois a morte mesma provoca uma escassez de tempo no que diz respeito ao moribundo. Quem já não ouviu que um dia ou outro a hora aumentava de preço quando o moribundo pechinchava com a morte? Quem já não ouviu que um dia ou outro se cobra um valor infinito, porque a morte encarece o tempo? Disso a morte é capaz, mas o homem sério é capaz de trazer a escassez mediante o pensamento da morte, de maneira que o ano e o dia cobram um valor infinito - e quando é tempo de escassez, o comerciante tem lucro infinito. Mas quando a ordem pública está em polvorosa, o comerciante não segue acumulando de modo indiferente, apenas vela por seu tesouro, a não ser que a mão do ladrão se ponha sobre sua posse: Ai! A morte também é um ladrão da noite.

Não é certo, ouvinte meu, que isso tu mesmo experimentaste? E quando o pensamento da morte [454] te visitou, mas você permaneceu inativo; quando a força vital foi ofuscada em um sonho idílico, quando a desrazão da morte quis fazer da tua vida algo vão, quando essa sedutora nostalgia se enroscou em torno de ti, quando a ideia de que tudo havia terminado quis adormecer-te no sonho da melancolia,

143

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n° 1 (2025) p. 134-156

quando lhe sumiste no labor da distração mediante a alegoria da morte: então você não pôs a culpa na morte, pois tudo isso não era a morte. Entretanto o que tu disseste a ti mesmo: minha alma está no estado de ânimo e segue assim, há ali um inimigo que pode me superar. Então não fugistes da morte, como se essa fora a cura. De nenhuma maneira. Tu disseste: invocarei o sério pensamento da morte. E este te ajudou. Pois a seriedade da morte ajudou a tornar a última hora algo infinitamente significativo, seu sério pensamento lhe ajudou a fazer com que uma longa vida seja significativa como um tempo de escassez, de maneira vigilante, como se a buscara a mão de um ladrão.

Deixe, então, que a morte conserve seu poder, “que tudo termine”, mas que a vida conserve também seu direito a trabalhar enquanto é dia; e deixe o que o homem sério busque o pensamento da morte para que esse pensamento lhe possa contribuir. Aquele que vacila é apenas testemunha do constante combate de fronteiras entre a vida e a morte, sua vida é apenas a constatação da dúvida a esse respeito, o resultado de sua vida é uma decepção; mas o homem sério trabalhou amistosamente com os combatentes, e no sério pensamento da morte tem seu mais fiel aliado. Ainda que haja igualdade entre todos os mortos, pois então tudo termina. Há, de qualquer maneira, ouvinte meu, uma diferença, uma diferença que grita aos céus: a diferença que consiste em qual foi a vida que, agora, com a morte, chega ao seu fim. Assim, pois, não se terminou de tudo, em que pesem todos os horrores da morte, ou melhor, apoiando-se no sério pensamento da morte, o homem sério diz: tudo terminou. Mas se essa luminosa perspectiva é uma tentação, se somente tenta voltar a avistá-la no crepúsculo da meditação, se ela o retira de sua tarefa, se o tempo não chega a ser tempo de escassez, se a possessão lhe parece segura: então, uma vez mais, não és um homem sério. Se a morte diz: talvez hoje mesmo; então lhe diz a seriedade: por mais que seja hoje ou talvez não o seja, eu digo: hoje mesmo.

144

Acerca da decisão da morte há de se dizer, ademais, que é indeterminável. Com isso não se diz nada, mas é assim que deve ser quando o discurso trata de um enigma. Pois é certo que a morte torna todos iguais, mas se essa igualdade está no nada, na aniquilação, então a igualdade mesma é indeterminável. Se é preciso seguir falando dessa igualdade, só se pode fazê-lo [455] mencionando a diversidade da vida e negando-lhe a igualdade da morte. Aqui, na tumba, a criança e aquele que transformou o mundo estão igualmente inativos; aqui o rico é tão pobre quanto o miserável, a miséria nada pede, e o rico não tem nada para dar, o mais austero e o mais insaciável necessitam igualmente de pouco; aqui não se ouve a voz do mestre, nem o grito do subalterno; aqui o arrogante e o ofendido chegaram a ser igualmente impotentes; aqui jazem tumbas vizinhas e conversam aqueles a quem a inimizade separava diametralmente; aqui jazem o excelente e o miserável, mas a excelência não os separa; aqui jazem os dois, aquele que imaginava a morte como a busca por um oculto tesouro e aquele que havia esquecido que a morte existia, mas não se nota diferença alguma.

A decisão da morte é assim, em sua igualdade, como no espaço vazio e como um silêncio em que nada se ouve, ou, em sentido moderado, como um silêncio imperturbado. E nesse reino silencioso reina a morte. Em que pese que ela sozinha

enfrenta a todos os vivos, ela é bastante poderosa para subjugar a todos eles e impor o silêncio. Tenhas a ideia que tiveres acerca da vida, inclusive acerca de seu significado a respeito do eterno, da morte tu não escaparás com palavras, não se transita em direção ao eterno pela rota do discurso e de um só alento: todos devem se calar. E ainda que uma geração inteira se una ruidosamente acerca de uma ou outra obra em comum e o indivíduo não se esqueça de si mesmo e se sinta muito confiante no amparo da multidão: até aqui a morte corre em separado a cada um - e ela resguarda o silêncio. Podes pensar em qualquer diferença com relação ao vivente, a morte o fará igual àquele que seria irreconhecível em sua diversidade. Pois é certo que o espelho da vida reflete as vezes com bajuladora lealdade a diversidade do vaidoso, mas o espelho da morte não é bajulador, sua lealdade mostra que são todos iguais. Todos se parecem quando a morte, com seu espelho, prova que o morto silencia.

Assim, a decisão da morte é indeterminável em virtude da igualdade, pois a igualdade consiste na aniquilação. E para o vivente deve ser tranquilizador pensar nisso. Quando o espírito, cansado da diversidade que continua e continua e nunca se acaba, dobra-se sobre si mesmo e acumula a ira no desafio da impotência, pois não é capaz de interromper a força vital da diversidade: então deve ser tranquilizador pensar que a morte tem esse poder, então essa ideia deve atizar o entusiasmo da aniquilação até formar uma brasa em que haja uma vida mais elevada - quando o desamparado suspira em seu esconderijo porque a vida [456] o abandonou como uma madrasta; quando em sua miséria não se atreve sequer a se mostrar, porque até o melhor dos homens, sem querer, ri de si mesmo em seu tormento e não obstante há um ridículo gemido; quando nesta isolada exclusão não ama, porque ninguém encontra nele a igualdade que ele mesmo busca de forma vã nos demais: então deve ser um alívio, como o é a neve refrescante para o ardor da oculta cólera, pensar que a morte pode fazer com que todos sejam iguais - quando o ofendido se retorça pela injúria do poderoso e, na impotência, o ódio desespera em busca de vingança: então deve ser um consolo bem-vindo, algo que quase restitui a vontade de viver, pensar que a morte faz com que todos sejam iguais - quando aquele que foi mimado pela satisfação de seus desejos permanece ocioso e flerta com as grandes ideias acerca de si mesmo, próprias do desejo, mas vê somente que os demais se esforçam e com isso logram coisas grandiosas, e então a paixão da impaciência dificulta sua respiração: então deve ser um alívio, deve dar fôlego pensar que a morte risca tudo com um só traço e faz com que todos sejam iguais - quando o perdedor, ainda que tenha compreendido que o combate já terminou e que ele é o derrotado, também compreende que tudo terminou, que sua derrota deu ao vencedor o ímpeto da felicidade, que seu sofrimento pelas sequelas da derrota são a constatação cotidiana, ainda que cada vez mais distante, da inalcançável ascensão do outro: então deve ser tranquilizador pensar que a morte vai em busca de anular a distância - quando a enfermidade chega a ser um hóspede comum e o tempo se passa, o tempo da alegria;

145

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 134-156

quando inclusive os mais chegados se cansam do sofredor e lançam alguma palavra impaciente que resulta lacerante; quando o sofredor mesmo sente que sua mera presença é um estorvo para os que estão contentes, de modo que deve abandonar a dança: então deve ser aliviador pensar que a morte o convida também a dançar, e que nessa dança todos são iguais.

Mas isso, ouvinte meu, é um estado de ânimo, e é na realidade covardia que mediante uma mentira, revestida de forma poética, quer causar uma melhor impressão, em que pese que é essencialmente igual ao miserável. Pois, ainda que o homem simples não seja talvez capaz de entender essa classe de estado de ânimo, é essa decisão mesma um valor decisivo? Por acaso não é somente decisiva no sentido do se faz mais reprovável? Querer desaparecer no vazio e, com ele, buscar esse desaparecimento na última distração, é um covarde prazer da melancolia; querer que a própria alma saia prejudicada, ferida pela diversidade, é uma inveja que se rebela contra Deus; odiar por impotência é se denunciar a si mesmo, é revelar que carece simplesmente de poder, pois não faz senão abusar espantosamente [457] da impotência; é um ataque depreciável para a injustificada queixa a respeito da vida o feito de não fazer outra coisa que desdenhar e então se queixar porque não chegou a ser o que desejava, e não ser jamais capaz de algo que não seja desejar, e, por último, ser o bastante miserável a ponto de desejar que tudo se acabe; é uma perseverança própria do derrotado a de querer compreender apenas o elevado combate entre eu e tu, e a queda de ambos; é uma enfermidade ainda mais terrível não querer entender qual é o médico de que o enfermo necessita. Em verdade, é uma covarde e complacente agitação não se atrever a renunciar, nem sequer em pensamento, em favor da diversidade, e deixar que a própria vida se perca nela mesma, tanto como é uma falsa coragem querer confrontar a ideia de igualdade da morte quando o mesmo ser humano suspira ou respira agitado frente a diversidade da vida.

E alguém chegou realmente a pensar - Não seria a contradição de estar vivo o fator de atração a essa temerosa ousadia? - que seria se consolar desse modo na igualdade da morte? Por acaso sua ideia acerca da morte permanece verdadeira na morte, ou seja, quando o labor do pensamento já não distrai sua paixão? Pois o morto se esqueceu da diversidade; e ainda que aquele que propôs recordá-la ao longo de toda uma vida para ter a alegria de ver que outro é despojado dela na morte, esse pensamento não o acompanha na morte, ainda que por um instante esqueçamos a responsabilidade que se impõe. Essa é a mentira e a impostura do temerário desafio que quer conspirar com a morte contra a vida. Ele esquece que a morte é mais forte, esquece que ela carece de favoritismos, que não estabelece alianças com ninguém para lhe dar na morte a liberdade de jogo e a folga para o prazer da aniquilação. Somente quando a fantasiosa ideia do vivente vaga pelo silencioso reino da morte, figurando-se ser ela mesma a morte, e desaparece para si mesma na morte; somente quando a ideia do vivente brinca com a morte citando o invejoso a comparecer em sua presença, despojando-lhe de toda sua grandeza e regozijando-se em sua impotência; somente quando a ideia se dirige às tumas e clama insolentemente pela pá cravada na terra, violando a paz dos mortos com o desafiante prazer de que os

inanimados restos de alguém sejam vistos exatamente como os de outro - somente então há alívio.

Mas nada disso é seriedade; e por mais tenebrosa que seja sua essência, por mais sombria que seja sua diversão, nada disso é seriedade. Pois a seriedade não olha de soslaio, mas faz as pazes com a vida e sabe temer à morte.

A seriedade compreende, pois, o mesmo acerca da morte, mas o compreende de outro modo. Compreende que a morte faz com que todos sejam iguais; e isso é algo que ela já compreendeu, porque a seriedade a ensinou a buscar a igualdade perante Deus, na qual todos podem ser iguais. E ele que é sério descobre nessa aspiração uma diversidade, a saber, a sua própria a respeito da meta que lhe é imposta, e descobre a posição mais afastada dessa meta séria como aquela igualdade que é a da morte. Contudo, cada vez que a diversidade terrena quer tentar e demorar, o sério pensamento da morte se impõe e volta a dar impulso. Assim como nenhum espírito maligno se atreve a nomear o nome sagrado, assim também todo espírito bom sente horror ante o vazio, ante a igualdade da aniquilação, e esse horror, que é produtivo na vida da natureza, é acelerador na vida do espírito. Porém com que frequência a igualdade do aniquilamento, quando um homem chega à morte, ensina-lhe a desejar o retorno da mais grave diversidade, a considerar desejável sua condição, agora que a condição da morte é a única! E, assim, o sério pensamento da morte ensina ao vivente a penetrar a mais grave diversidade com a igualdade perante Deus. E nenhuma comparação tem tanto poder de aceleração, nem dá com tanta segurança ao apressado a direção verdadeira como quando o vivente se compara a si mesmo à igualdade da morte. E se a mais vã de todas as comparações é aquela na qual um ser humano desdenha de toda outra comparação para comparar-se consigo mesmo na satisfação de si mesmo, e por acaso nenhuma vaidosa mulher esteve, de forma vã, tão rodeada de admiração como quando está a sós na frente do espelho: Ah! Nenhuma comparação é tão séria como a daquele que, solitário, compara-se com a igualdade da morte até que esteja na tumba fechada, quando se fecha a porta do jardim, quando cai a noite e ele jaz solitário, afastado de toda condolência, irreconhecível nessa efígie que só pode despertar horror, solitário ali onde a quantidade de mortos não traz nenhuma companhia. E aqui é que a morte consegue derrocar tronos e realezas, mas o sério pensamento da morte faz o que é igualmente grande, ajuda o homem sério a submeter-se à mais privilegiada diferença pela humilde igualdade perante Deus, ajuda-lhe a elevar-se por cima da mais grave diversidade na humildade igualdade perante Deus.

Não é verdade, ouvinte meu, que tu mesmo já o experimentou assim? E quando tua alma foi transbordada pelo privilégio e, de tanta grandeza, apenas pôde reconhecer-te a ti mesmo, então o sério pensamento acerca da igualdade da morte lhe retornou [459] irreconhecível em outro sentido, e tu aprendeste a conhecer-te a ti mesmo e a querer ser conhecido por Deus. Ou se a tua alma suspirava na severa opressão do sofrimento, do infortúnio, da injúria, da melancolia, ai! E te parecia que a

147

séria opressão da vida; quando também o tentador vinha à tua casa, tu sabes, o tentador que qualquer pessoa leva em seu próprio interior, que enganosamente trai a saudação de outros, e que, uma vez que tenhas imaginado a felicidade dos demais até que isso te desanime, isso quer te oferecer uma reparação: então não te entregaste ao estado de ânimo. Tu disseste: isso é rebelião contra Deus, é inimizade contra mim mesmo; e então dissestes: invocarei o sério pensamento da morte. E ele te ajudou a superar a diversidade, a encontrar a igualdade perante Deus, a querer expressar a igualdade. Pois o que a igualdade da morte tem de terrível é que nada pode resistir a ela (que comovente!), mas o que a divina igualdade tem de beatitude é que nada pode impedi-la se o próprio homem assim não o quer. E era então tão grande a diversidade da vida? Pois, considere o alegre, e deixe que se alegre em sua felicidade; quando tu, o infeliz, te alegras também de sua felicidade, então ambos estão alegres! Considere o notável, deixe-o desfrutar de seu privilégio; quando tu, o injustiçado, esqueces a ofensa e contemplas o mérito, acaso é tão grande a diferença? Considere o jovem, deixe-o se apressar na confiança da esperança; quando tu, ainda que tenha sido decepcionado pela vida, talvez ocultamente chega a apoiá-lo, é então tão grande a diferença? É claro que a bênção, a honra, a riqueza, a beleza e o poder são o que constitui a diversidade, mas se a diferença está somente nisso então tempos por um lado uma planta campestre, e por outro uma flor de cemitério que se cultiva na consagrada terra da abnegação: é então tão grande a diferença quando ambos são abençoados, venerados, ricos, belos e poderosos? Ah, não, então não se necessita de reparação alguma, e menos ainda daquela que se cala com falsidade diante do feito de alguém e se converte em nada! Por mais grave que seja a diversidade, o sério pensamento acerca da igualdade a morte ajuda, pois, como a estrita disciplina, a desistir da comparação mundana, a compreender a aniquilação como aquilo que é ainda mais terrível, e a querer buscar a igualdade perante Deus.

A igualdade da morte não pode lhe encantar com sua magia; e tampouco há tempo para isso. Pois assim como a decisão da morte é *indeterminável* em virtude da *igualdade*, assim também é igualmente *indeterminável* em virtude da *desigualdade*. Quem nunca ouviu falar disso, que a morte não faz diferença alguma, que [460] não conhece camada social nem idade? Quem nunca refletiu a respeito do feito de que, ao invés de mencionar a maior diversidade nas condições de um vivente e ao tentar então pensar a morte em relação com ele, sua determinação consiste em poder igualmente buscar sua presa tanto aqui como ali, de um modo idêntico, posto que não se toma nenhuma consideração, enquanto toda diversidade reside justamente em que se tome em consideração? Assim, é *indeterminável* em virtude da *desigualdade*. Quase se adianta à vida, e a criança nasce morta, e deixa ao velho esperando anos a fio; quando alguém diz: paz e tranquilidade, aí está ela acima dele, e às vezes se busca a ela em vão quando a vida está em perigo, enquanto ela encontra ao que se oculta em um esconderijo; quando os celeiros estão cheios e há reserva para uma longa vida, então vem a morte e reclama a alma do rico; quando há escassez, ela permanece ausente; quando na inanição alguém se preocupa com o que irá comer no dia seguinte, então vem a morte e acaba com suas preocupações econômicas; quando

o lascivo se inquieta em sua saciedade pelo que terá para comer no dia seguinte, então vem a morte a julgar, e torna a inquietação desnecessária.

Assim, a morte é indeterminável: é a única segurança, e o único acontecimento que não oferece segurança alguma. Esta ideia faz com que o pensamento se alterne entre o indeterminável e queira tentar a sorte nesse horror como num jogo, que queira adivinhar o significado desse estranho enigma, que queira entregar-se à inexplicável desapareição e a inexplicável irrupção do súbito. Há de ser tranquilizador pensar nessa coincidência, nessa igualdade e desigualdade, nessa lei presentificada do que não tem lei, que é que não é, que está em relação com todo vivente, e que é indeterminável em cada uma de suas relações. Quando a alma se cansa da coerção e da obrigação, do determinável e da exígua meta cotidiana da tarefa determinável, e da consciência de que é mais e mais o que se descuida; quando, esgotada da força de vontade, é como se o extenuado chegasse a perder a compostura; quando a curiosidade, cansada da vida, busca uma tarefa mais variada para a curiosidade: então há de ser recreativo pensar que a morte é indeterminável, e tranquilizador familiarizar-se assim com esse pensamento. Às vezes alguém se surpreende por um falecimento, às vezes por outro; às vezes alguém fica aturdido de tanto falar com expressões genéricas acerca do que escapa à determinação geral; às vezes se está em um estado de ânimo, às vezes em outro; às vezes se está triste, outras vezes impassível; às vezes se brinca, vinculando a morte ao instante mais abençoado como a maior das bênçãos, outras vezes, como a maior desgraça; desejando às vezes [461] uma morte súbita, e outras vezes uma lenta; às vezes alguém se cansa de discutir que morte é a mais desejável; outras vezes toda essa observação causa incômodo, e então alguém se esquece da morte, até que a observação chega a novas combinações que causam novos assombros - Ah, sim! Até que o pensamento acerca da própria morte se esfumaça em uma nuvem diante dos olhos, e a recordação da própria morte chega a ser um indeterminado murmúrio para o ouvido. Isso é o que a familiaridade tem de tranquilizador na sossegada observação de que, depois de tudo, as coisas são assim, no alentador e impessoal esquecimento que não se esquece de si mesmo por qualquer motivo, ou, dizendo melhor, que se esquece de si mesmo na irreflexão, com a qual a própria morte chega a ser um raro incidente a mais nessa multiplicidade de incidentes imprevisíveis, e o esgotamento, um emparelhamento que atenua a transição da própria morte.

Mas ainda que uma vida como essa recorra a todos os estados de ânimo possíveis ao pensar a estranheza da morte, por acaso é por isso que a observação é seriedade? Por acaso a meticulosidade do estado de ânimo acaba sempre em seriedade? Não haveria de consistir no começo da seriedade justamente impedir que essa meticulosidade na qual o observador desatenta da vida e chega a ser como aquele que se entrega ao jogo, quando pergunta e pergunta novamente, e sonha com números na noite ao invés de trabalhar durante o dia? Aquele que considera a morte desse modo se encontra em um estado de torpor no que concerne a sua vida

espiritual, que debilita sua consciência, de modo que esta não pode suportar a séria impressão do inexplicável, de modo que não pode se submeter com seriedade a essa impressão, mas tampouco dominá-la, a enigmática.

É certo que a morte é um estranho enigma, mas só a seriedade pode determiná-lo. A que se deve essa confusão da irreflexão, senão ao feito de que o indivíduo sai pela vida a observar, que quer ter uma visão da existência como um todo, desse jogo de forças que só Deus no céu pode observar facilmente, porque ele, em sua providência, domina com certa e onipresente circunspeção, mas o que debilita o espírito do homem e o faz perder o sentido, que lhe ocasiona intempestiva punição e o fortalece com um lamentável consolo? Intempestiva, por assim dizer, é a punição no estado de ânimo, porque se inquieta em torno a muitas coisas; lamentável, com efeito, é o consolo nessa tensa indolência, quando sua observação tem tantas entradas e saídas que acaba sendo perplexidade. E quando então chega a morte, ela engana ao observador, porque toda sua observação não se aproximou nem um só passo da explicação, mas apenas o enganou por toda a vida.

[462] A seriedade compreende, então, o mesmo acerca da morte, que é indeterminável em virtude da desigualdade, que nenhuma idade, nenhuma circunstância, e nenhuma condição de vida dá segurança contra ela; mas o homem sério o compreende de outro modo e se compreende a si mesmo. Eis que já está posto o machado na raiz da árvore, toda árvore que não dê bom fruto será cortada - não, toda árvore será cortada, também aquela que dá bons frutos. O certo é que o machado está posto na raiz da árvore; ainda que inadvertida, a morte passa sobre sua tumba e o machado se move, ainda assim há incerteza a cada instante; o incerto é quando se fará o corte - e cairá a árvore. Mas quando estiver caída, então é que se poderá decidir se a árvore dava bons frutos, ou se dava frutos podres.

Aquele que é sério observa a si mesmo; se é jovem, o pensamento acerca da morte lhe ensina que é um homem jovem aquele que chega a ser presa se a morte chega hoje, mas não brinca falando generalidades acerca da juventude como uma presa para a morte. Aquele que é sério se observa a si mesmo, sabe, portanto, como é aquele que chegaria a ser aqui presa da morte se esta chegasse hoje; ele se recapacita em sua própria obra e sabe, portanto, qual é a obra que aqui se interromperia se a morte chegasse hoje. Então o jogo termina, então o acerto é adivinhado. A observação geral da morte, tanto como o feito de querer realizar uma experiência em geral, não faz senão confundir o pensamento. A certeza da morte é seriedade, sua incerteza é ensino, exercício da seriedade; sério é aquele que, pela incerteza, é instruído pela seriedade em virtude da certeza. Como aprende um homem a seriedade? É por acaso quando alguém sério lhe diz alguma coisa que outro pode chegar a aprendê-la? De modo algum. Se tu mesmo não chegaste a aprender assim de um homem sério, imagina-te então como ocorre. Então aqui o discípulo se preocupa (pois sim, sem preocupação não há discípulo) acerca de algum objeto com toda sua alma; pois isso é a certeza da morte, um objeto de preocupação. Então o preocupado se dirige ao mestre da seriedade; e isso é a morte, não um espantinho que somente ele é para a imaginação. O discípulo, então, quer isto ou aquilo, e quer fazê-lo segundo determinadas suposições: e não é verdade o que então resulta? Mas o homem sério

não responde nada, e finalmente diz sem pudor, com a calma da seriedade: Sim, é possível! O discípulo se põe já um pouco impaciente; traça um novo plano, altera as suposições, e conclui seu discurso com ainda mais insistência. Mas o [463] homem sério cala, olha com calma e finalmente lhe diz: Sim, é possível! Então o discípulo arde em chamadas, recorre às súplicas, ou se acaso está adestrado para racionalizar com suspeição, chega talvez a ofender o homem sério, e ele mesmo se confunde por completo, e tudo parece confusão ao seu redor; mas quando, com essas armas e nesse estado de ânimo, o homem sério é assaltado, pois então o homem sério apenas olha e diz: Sim, é possível! Assim ocorre com a morte. A certeza consiste em que ela é imutável, e a incerteza é a breve frase: Sim, é possível! E todo condicionamento que queira fazer da certeza da morte uma certeza condicionada para aquele que deseja, todo acordo que queira fazer da certeza da morte uma certeza condicionada para aquele que se resolve, todo pacto que queira condicionar a certeza da morte a um tempo e uma hora para aquele que age, todo condicionamento, todo acordo, todo pacto encaixa nessa frase; e todo ardor, toda suspeita, e todo desafio resultam impotentes diante dessa frase, até que o discípulo se dirige a si mesmo. Mas justamente nisso é que se funda a seriedade, e justamente nisso a certeza e a incerteza queriam ajudar ao discípulo. Se lhe é permitido que a certeza se refira a qualquer coisa, como um rótulo geral na vida, e não como algo que ocorre com a ajuda da incerteza, como uma indicação de uso para o particular e para o cotidiano, então a seriedade não pode ser aprendida. A incerteza se apresenta e segue sinalizando, como mestre, o objeto do ensino, e lhe diz ao discípulo: preste atenção à certeza: então surge a seriedade. E nenhum mestre consegue ensinar desse modo ao discípulo a prestar atenção ao que se diz e o que faz a incerteza da morte, quando esta sinaliza a certeza da morte; e nenhum mestre consegue manter desse modo concentrados os pensamentos do discípulo em um único objeto de ensino, como o faz o pensamento acerca da incerteza da morte, quando faz com que o pensamento seja exercitado na certeza da morte.

A certeza da morte determina ao discípulo de uma vez por todas na seriedade, mas a incerteza da morte é a cotidiana, ou frequente, ou requerida, supervisão que vela pela seriedade: somente isso é seriedade. E nenhuma inspeção é tão cuidadosa, nem a do pai com respeito ao filho, nem a do mestre com respeito ao aprendiz, nem a do carcereiro em relação ao encarcerado; e nenhuma supervisão é enobrecedora como a incerteza da morte quando ela põe à prova a utilização do tempo e o carcer da obra, a que se resolve ou que atua, a do jovem ou a do velho, a do homem ou da mulher. Pois, no que diz respeito [464] ao tempo bem utilizado, não é essencial, em relação com a interrupção da morte, se o tempo foi duradouro ou escasso; e, no que diz respeito à obra essencial, não é essencial, em relação à interrupção da morte, se a obra foi terminada ou apenas iniciada. No que diz respeito ao acidental, a duração temporal é determinante, como, por exemplo, na felicidade: somente no final se decide se foi feliz. Em relação à obra acidental, a qual está no exterior, é essencial que

151

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 134-156

a obra seja terminada. Mas a obra essencial não se determina essencialmente em função do tempo e do exterior, já que a morte é a interrupção. Assim, a seriedade consiste em viver cada dia como se fosse o último e, ademais, o primeiro de uma longa vida; e em eleger essa obra que não depende de si e concede a esse alguém o tempo de uma vida para que seja completada devidamente, ou somente um tempo breve para havê-la começado devidamente.

Acerca da decisão da morte, finalmente, há de se dizer que é *inexplicável*. Se os homens, com efeito, encontram uma explicação: a morte mesma não explica nada. Pois se pudesses pôr teus olhos sobre ela, a pálida, a ceifadora do luto, quando estivera ociosa, apoiada em sua foice, e quiseses então caminhar em direção a ela, já sei por que crerias que teu tédio ante a vida poderia presentear teu afeto, o que tua ardente saudade da eternidade haveria de comovê-la; se pusesse tuas mãos no teu ombro e dissesse: explica-te, uma palavra basta - Crês que ela contestaria? Eu penso que sequer notaria que você pôs as mãos em seus ombros que lhe falou. Ou se a morte chegar, Ai! Tão oportunamente, ai, como o maior benfeitor, como um salvador; se vem a salvar um homem de assumir essa culpa que não é objeto de arrependimento na vida, porque a culpa põe fim à vida, se esse miserável deu graças à morte por lhe haver trazido aquilo que buscava e lhe haver impedido de se fazer culpado. Crês que ela o entenderia? Eu penso que não ouviria sequer uma palavra do que lhe dissera; pois ela não explica nada. Se chega como a maior obra do bem ou como a maior desgraça, se lhe saúda com júbilo ou com desesperada resistência, disso a morte nada sabe, pois é inexplicável. Ela é transição; acerca da relação, não sabe nada, nada em absoluto.

É claro que esse caráter inexplicável requer uma explicação. Mas nisso consiste justamente a seriedade, em que a explicação não explica a morte, mas como que manifesta em sua íntima essência aquele que dá a explicação. Ah! Que séria [465] recordação da lentidão da fala! Ainda que alguém deva rir ao ver a irreflexão pôr a mão para sustentar a cabeça pensativa que há de indagar sobre a explicação, e ainda que alguém deva voltar a rir quando este pensamento se esvai com a explicação; ou quando, como se se tratasse de uma convocatória geral, inclusive com os mais frívolos pensamentos que surgiram com uma resposta pronta, uma observação explicativa que aproveite a infrequente ocasião, pois a morte é para todos um enigma inexplicável: Ai! a julgadora seriedade se denuncia a si mesma, demonstra quão reflexiva, quão tola é sua vida. Por isso a guarda a respeito da explicação já é um sinal de que há alguma seriedade, a qual, de toda forma, compreende que a morte, justamente porque não é nada, não é algo assim como uma estranha inscrição que todo transeunte deve tentar ler, ou como uma raridade que todos devem ver e sobre a qual devem ter uma opinião. O decisivo da explicação, aquilo que impede que o nada da morte reduza a explicação ao nada, é que cobra um poder retroativo e, por isso, realidade na vida do vivente, de modo que a morte chega a ser para ele um mestre, em lugar de ajudá-lo traiçoeiramente a se denunciar a si mesmo e de se revelar um tolo ao prestar explicações.

Ainda que inexplicável, a morte pode ser tudo e não ser absolutamente nada, e a explicação parece expressar as duas coisas de uma vez. Uma tal explicação

denuncia uma vida que, conforme o presente, se defende da influência da morte mediante um estado de ânimo que mantém esse equilíbrio da indecisão. A morte não tem o poder de perturbar uma vida tal; tem, em contrapartida, influência, mas não força retroativa para transformar tal vida. A explicação não alterna entre estados de ânimo diferentes, mas apenas a morte é levada a cada instante fora da vida no equilíbrio da indecisão a põe em distanciamento. E a mais elevada coragem do paganismo consistia em que o sábio (cuja seriedade estava indicada justamente pelo feito de que não se apressava a dar explicações) logrou viver assim com o pensamento da morte: superar esse pensamento em cada instante de sua vida mediante a indecisão. Então a vida terrena não é vivida plenamente, o sábio sabe que a morte existe, não vive de forma irrefletida esquecendo que ela existe, sai ao encontro desse pensamento, o torna impotente na indeterminação, e essa é sua vitória sobre a morte; mas a morte não vem a penetrar a vida de maneira transformadora.

[466] Por mais que inexplicável, a morte poderia parecer a mais alta felicidade. Uma tal explicação é delação de uma vida na puerilidade, a explicação é como o fruto desta: ou seja, superstição. Aquele que dá essa explicação não tem ideia do agradável e do desagradável acerca do jovem e da criança, e a vida segue adiante, ele se vê enganado, envelhece em muitos anos mas não em mentalidade, não obtém nada que seja eterno: então a puerilidade se concentrou nele até chegar a exaltada ideia de que a morte viria a lhe dar cumprimento a tudo; ela foi então o amigo buscado, a amada, o rico benfeitor que poderia brindar tudo aquilo que esse homem pueril busca de forma vã alcançar na vida. Muitas vezes se fala com ligeireza e temor acerca dessa felicidade, as vezes com tristeza, as vezes é aquele que dá a explicação quem chega a se abrir pela explicação e quer ajudar aos outros; mas esta não faz senão delatar como em seu interior aquele que dá explicação, que adverte ao caráter retroativo da seriedade, que avança com pueril rapidez, é também aquele que deposita sua esperança na morte como se costuma fazer em vida.

Mesmo que inexplicável, a morte pode parecer a maior desgraça. Mas essa explicação denuncia que aquele que dá a explicação se prende covardemente à vida, covardemente talvez a seus favores, covardemente talvez a seus sofrimentos, de modo que ele teme a vida, porém teme mais ainda a morte. A morte não cobra força retroativa; a dizer, não no que faz a concepção, pois, todavia, opera para trás, contrastando os favores da felicidade de alguns e negando toda esperança ao sofrimento terreno de outros.

Costuma-se utilizar também outros nomes para designar a explicação; costuma-se chamá-la de morte: uma passagem, uma transformação, um sofrimento, um combate, um castigo, o pagamento do pecado. Cada uma dessas explicações contém uma concepção inteira sobre a vida. Ah! Que séria recomendação para aquele que dá explicações! É mais fácil mencionar tudo de memória, é fácil explicar a morte quando isso não implica superação alguma, não querer compreender que o assunto que é a

153

explicação cobra força retroativa na vida. Por que quereria alguém transformar a morte em uma piada a respeito de si mesmo? Pois a morte não requer a explicação, ela não solicita nunca o auxílio de um pensador. Mas o vivente requer uma explicação, e para quê? Para viver de acordo com ela.

Assim, se alguém opina que a morte é uma transformação, pode ser que isso seja completamente correto; mas suponhamos então que a incerteza da morte, que vai de lá pra cá como um mestre e controla a cada instante o discípulo a cada instante em que discípulo está [467] atento, suponhamos que descubra que a opinião dele dá uma explicação mais ou menos como essa: tenho ante mim uma longa vida, trinta anos, talvez quarenta, e então a morte chega alguma vez como uma transformação, o que pensaria o mestre sobre esse discípulo que nem sequer havia entendido a determinação da incerteza da morte? Ou se alguém opina que é uma transformação que terá lugar em algum momento, e então a incerteza da morte olha e descobre que aquele, à maneira de um jogador, espera esse acontecimento como algo que ocorrerá alguma vez, que pensaria o mestre desse discípulo, que nem sequer se deu conta de que tudo termina com a decisão da morte, e que a transformação não pode ocorrer junto aos demais acontecimentos como um novo acontecimento, porque, com a morte, tudo se acabou?

É claro que alguém pode ter uma opinião acerca de acontecimentos distantes, acerca de um objeto da natureza, acerca da própria natureza, acerca de escritos científicos, acerca de outro ser humano, e assim também acerca de muitas outras coisas, e, quando alguém manifesta essa opinião, o sábio pode decidir se é correta ou incorreta. Nada, em troca, importa ao que expõe a opinião observando o outro lado da verdade: se uma pessoa realmente tem essa opinião, se não é algo que ela declama. E, entretanto, esse outro lado é igualmente importante, pois não somente é insensato aquele que diz coisas sem sentido, senão que o é com igual inteireza aquele que expressa uma opinião correta quando esta não tem para ele nenhum significado em absoluto. Um homem mostra ao outro sua confiança, o reconhecimento que consiste em supor que se trata de sua opinião quando a expressa. Ai! E sem dúvida é tão difícil, difícilíssimo ter uma opinião e tê-la de verdade! Mas bem, posto que a morte é o objeto da seriedade, a seriedade é, por sua vez, isso: que no que diz respeito à morte ninguém deve se apressar para ter uma opinião. A incerteza da morte se toma sempre com toda seriedade da liberdade de controlar se aquele que expõe a opinião realmente tem essa opinião, a dizer, se sua vida a expressa. Em relação a outras coisas, alguém pode manifestar uma opinião e, quando se exige que esse alguém edifique em virtude dessa opinião, ou seja, que mostre que a tem, são inumeráveis as desculpas possíveis. Mas a incerteza da morte é o estrito examinador do aprendiz; e quando este declama a explicação, a incerteza lhe diz: agora devo investigar se é tua opinião, pois agora, neste instante, tudo termina, termina para ti, não cabe pensar em desculpas, não há uma letra a ser adicionada, assim já se vê se realmente opinava [468] sobre o que disseste de mim. Ai! Toda explicação vazia, e todo palavrório, e todo adorno, e toda concatenação de explicações prévias com o fim de encontrar uma mais engenhosa ainda, e toda admiração a respeito e toda fadiga associada a ela:

tudo isso é apenas distração e desatenção do espírito na distância do pensamento! - Que pensará sobre ele, a incerteza da morte?

Por isso o discurso não irá se abster de toda explicação; assim como a morte é o final de tudo, assim também será isto a última coisa que será dita sobre ela: que ela é inexplicável. Seu caráter inexplicável é o limite, e o sentido do enunciado somente está em dar ao pensamento da morte força retroativa, em fazer dele algo impulsionador na vida, porque tudo termina com a decisão da morte, e porque a incerteza da morte inspeciona a cada instante. Seu caráter inexplicável não é, portanto, uma exortação a adivinhar o enigma, um convite à engenhosidade, senão a séria admoestação da morte para o vivente: não necessitas nenhuma explicação, ponha-te a pensar que nessa decisão tudo está terminado, e que pode estar à mão a cada instante; olha, isso vale a pena ser pensado.

Ouvinte meu, talvez lhe pareça que é pouco o que esse discurso lhe ensina; talvez você mesmo saiba muito mais; e, todavia, não haverá sido em vão se a correspondente ideia acerca da decisão da morte foi a ocasião para que você se recorde a ti mesmo que o feito de saber muito não é um bem em si mesmo (natural). Talvez lhe pareça que que o pensamento sobre a morte resulta apenas aterrador, e que, não obstante, aquele que tem também um lado mais suave, mais ameno para a observação; que o anseio por repouso do esgotado trabalhador, que a pressa do caminhante em busca do atalho, que a consolação que o preocupado encontra no analgésico sonho da morte, que a triste necessidade do mal entendido de dormir em paz são também uma bela e legítima explicação da morte. Inegavelmente! Mas não se pode aprendê-la de memória, não se pode aprendê-la lendo sobre ela, ela é adquirida lentamente, e somente quando é devidamente adquirida que por aquele que trabalhou até o cansaço na boa obra, que andou pelo caminho estreito até a fadiga, que carregou a preocupação de uma causa justa, que foi incompreendido em um esforço nobre, somente quando é devidamente adquirida desse modo é que encontra seu lugar e se torna um discurso legítimo na boca do reverendo. Mas ao jovem não é permitido falar desse modo, para que a [469] bela explicação, como a palavra sábia na boca do tolo, não chega a ser uma falsidade em sua boca. E isso se ele ouviu, que o sério mestre da criança e do jovem chegou a ser em uma idade posterior o amigo do adulto e do homem maduro; mas nunca se ouviu, não, ao menos, de alguém de quem desejasse aprender, que desde o começo o mestre se transformou prontamente em um companheiro de jogos, ou a criança, em um velho, nem tampouco que essa relação de amizade se estabeleceria então verdadeiramente. Assim também ocorre com o pensamento acerca da morte. Se este não pôde interromper alguma vez com horror a vida do jovem e somente a seriedade se mostra válida para moderar o horror; se a incerteza da morte não teve seu tempo de ensino para instruir com o rigor da seriedade: nesse caso, não se ouviu nunca, ao menos, de alguém de cujo

155

Tradutor

Victor Portavales Silva

Toledo, v. 8, n° 1 (2025) p. 134-156

saber se poderia desejar uma parte ou parcela; de alguém semelhante não se ouve nunca que foi verdade que alguém que se referiu à morte como sua amiga; que essa não haveria sido jamais para a outra coisa como uma companheira de jogos quando na juventude, cansado já da vida, buscava enganar a vida falando falaciosamente da amizade da morte, ou quando na velhice, sem haver desfrutado da vida, buscava enganar-se a si mesmo falando falaciosamente da amizade da morte. - Aquele que só entende a dificuldade e o rigor da aprendizagem; pode ser que consiga desse modo, justamente por ele, fazer-se digno de chegar a gozar alguma vez da amizade do mestre! É que ele que falou aqui, ouvinte meu, não é seu mestre; somente lhe permite que seja, como ele mesmo o é, testemunha da morte, desse mestre da seriedade que desde o nascimento é assinalado a cada um como mestre para toda a vida, e que, na incerteza, está sempre pronto para começar o ensino quando este é requerido. Pois a morte não vem porque alguém a invoca (não seria senão uma brincadeira que o mais débil lhe suplicasse desse modo a mais forte), mas ainda que, prontamente como alguém abre a porta da incerteza, o mestre não está ali. Esse mestre que indefectivelmente chega para exercer uma prova e interrogar o discípulo, tenha alguém aproveitado seu ou não seu ensino. E essa prova da morte, ou, para dizer o mesmo com uma palavra estrangeira e mais frequente, esse exame final da vida é igualmente difícil para todos. Aqui não sucede como com outras coisas, quando aquele que tem mais talento é mais facilmente aprovado, e mais dificilmente aprovado o que tem menos; não, senão que a morte adapta com toda exatidão a prova da atitude, e a prova resulta igualmente difícil, porque a prova é a seriedade.

156

Submetido: 27 de outubro de 2024

Aceito: 9 de novembro de 2024